



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O DIREITO À EDUCAÇÃO COMO UM IDEAL PARA A QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO DE CASO NO PROJETO DE ASSENTAMENTO SANTA VERÔNICA – DAMIÃO/PB

Isabele Aparecida Gomes Pereira

Secretaria de Educação do Estado da Paraíba – bellgeografia@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o significado da educação enquanto um indicador de qualidade de vida de famílias de agricultores em assentamentos rurais de reforma agrária, tomando como local de estudo o projeto de assentamento Santa Verônica, localizado no município de Damião/PB. O trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado na qual se objetivou compreender os elementos que constituem-se como indicadores de qualidade de vida de famílias em assentamentos rurais. A categoria qualidade de vida foi utilizada no trabalho principalmente de acordo com a perspectiva de Sen, Buarque e Gomes. Para atender aos objetivos propostos adotamos a pesquisa qualitativa, embora tenha sido imprescindível o uso de recursos quantitativos como os questionários, cuja utilização inicialmente nos permitiu conhecer os diferentes aspectos sociais, econômicos e ambientais do local de estudo. Posteriormente foram realizadas as entrevistas semiestruturadas baseadas na história oral dos informantes, o que juntamente com a observação direta e o registro das informações em diário de campo contribuiu para a construção e compreensão da história social do grupo. A educação é um direito que atualmente tem se tornado mais acessível a estas famílias de agricultores historicamente excluídas das benesses do desenvolvimento do país, no entanto, na experiência do assentamento ela ainda opera com muitas fragilidades. Apesar disso, a educação é pensada como uma categoria essencial para a realização da qualidade de vida além de representar um investimento necessário para ultrapassar as situações de pobreza e exclusão social.

Palavras-chave: Educação, qualidade de vida, assentamentos rurais, inclusão social.

Introdução

A qualidade de vida é um conceito que, não obstante, vem sendo apropriado por indicadores objetivos relacionados à eficiência e ao grau de satisfação material dos indivíduos. O conceito dialoga intrinsecamente com a clássica noção de desenvolvimento como crescimento econômico, na medida em que ambos buscam sintetizar o que seria típico de um padrão ou estilo de vida ao qual todos os indivíduos deveriam chegar. Segundo Gomes



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(2002, 2005), comumente o tema vem sendo mencionado em estudos sobre a vida urbana, que consistem na preocupação com índices que informam sobre as condições de vida das populações resultando na avaliação das práticas das sociedades como boas ou ruins, modernas ou atrasadas, tomando como referência um padrão de vida a ser alcançado.

Buarque (1993) afirma que o século XX reforçou a ideia de qualidade de vida enquanto satisfação de necessidades materiais por meio do consumo, o qual foi legitimado como o símbolo da utopia do desenvolvimento e como critério padrão na avaliação da qualidade de vida. Ter acesso a bens tecnológicos tornou-se tão mais importante quanto desfrutar das vantagens que os próprios bens poderiam oferecer.

Um modelo específico de sociedade, detentora de bens materiais e culturais ditos modernos, pode não ser considerado a única forma autêntica de modernidade, e consequentemente a forma legítima de qualidade de vida. Diante dos embates que envolvem o conceito de qualidade de vida e a sua relação com a noção de desenvolvimento, torna-se imprescindível à incorporação de “indicadores” que contemplem aspectos subjetivos que revelem o que as pessoas consideram importante para suas vidas enquanto sujeitos individuais e coletivos. Enquanto para alguns a qualidade de vida pode significar a satisfação de necessidades materiais e consumistas, para outros pode implicar “apenas” a garantia de direitos fundamentais como o acesso à saúde, educação, moradia e emprego.

Para Sen (1993) a qualidade da vida humana é uma questão muito complexa. No enfoque utilizado pelo seu trabalho, o autor concebe a vida humana como um conjunto de “efetivações” (*functionings*) às quais estão relacionadas às atividades e aos modos de ser dos seres humanos. A avaliação sobre a qualidade de vida, portanto, está relacionada à capacidade de funcionamento e de desempenho de funções.

Nesse contexto, este trabalho objetiva analisar a importância da educação enquanto um indicador de qualidade de vida de famílias de trabalhadores rurais assentados. Para tais famílias a educação é considerada uma dimensão importante para pensar o desenvolvimento e para promover meios que possibilitem a superação da pobreza, da exclusão social e também, para a realização da qualidade de vida de grupos sociais historicamente excluídos e/ou expropriados.



Metodologia

Para a realização do trabalho consideramos conveniente trabalhar metodologicamente com a pesquisa qualitativa, que se caracteriza como uma pesquisa social e interpretativa, visando a compreensão e análise das trajetórias de vida dos informantes. As técnicas de pesquisa selecionadas para o encaminhamento do trabalho consistiram na aplicação de questionários junto a 45 famílias assentadas e posteriormente na realização de 20 entrevistas semiestruturadas fundamentadas na história oral, com o intuito de explorar a liberdade das respostas das pessoas, como também de resgatar a memória, pois segundo Lozano (2005:16), a história oral permite “oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais”. A observação direta foi tomada também como uma técnica de pesquisa, na medida em que permitiu o registro das impressões das formas de organização e das formas de vida do lugar através de um diário de campo.

O acesso à educação no Projeto de Assentamento Santa Verônica

O questionário utilizado na etapa exploratória do trabalho revelou o nível de escolaridade das pessoas residentes no assentamento. A maioria dos assentados não chegou a concluir o ensino fundamental, de maneira geral 7% dos assentados estão fora da idade escolar, este grupo compõe-se de crianças com até três anos de idade, 9% dos assentados são analfabetos, 11% são considerados alfabetizados funcionais, pessoas com um ano de estudo que conseguem ler e escrever o próprio nome, 5% encontram-se na fase pré-escolar, são crianças de quatro a seis anos que fazem parte da educação infantil, 56% dos assentados possuem o ensino fundamental incompleto, 2% possuem o fundamental completo, 7% estão cursando o ensino médio e apenas 2% chegaram a concluí-lo.

O baixo nível de escolaridade apresentado pela maioria dos agricultores assentados deve-se, dentre outros motivos, às poucas oportunidades de acesso à escola, considerando que muitas dessas pessoas em sua época de infância tiveram que privilegiar o trabalho na roça em detrimento da ida à escola, como se pode perceber no relato a seguir: “Naquela época a vida



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

da gente era ruim porque não tinha escola, a gente não estudava, que os pais só botava a gente para trabalhar, a escola da gente era a enxada, se chamava a enxada...” (Assentado 01).

A inexistência de escolas na moradia de origem desses agricultores, o difícil acesso às escolas existente em outras localidades e a necessidade de trabalho de todos os membros do grupo familiar inviabilizou o acesso a instrução formal desses agricultores. Atualmente aqueles que conseguiram concluir o ensino fundamental ou o ensino médio são os filhos dos assentados, que tiveram os estudos “facilitados” pelo próprio desejo dos pais. A valorização da educação dos filhos constitui-se assim como um aspecto intensamente valorizado pelos assentados, mas determinados chefes de família, pais e mães, também têm procurado estudar com o objetivo “recuperar o tempo perdido”.

Existe na área do assentamento uma escola que oferece educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Aproximadamente trinta crianças do assentamento encontram-se matriculadas na escola e estudam em um regime multisseriado que agrupa na única sala de aula existente alunos de séries e níveis diferentes. O quadro de funcionário da escola é formado por quatro servidores, um diretor, um professor e dois auxiliares de serviços gerais e a mesma possui uma cantina, uma sala de direção, dois banheiros, uma cisterna e uma única sala de aula, como já foi mencionado.

A população do assentamento reivindica do poder público local a construção de um muro, tendo em vista que a mesma fica à margem da rodovia e isso pode representar riscos às crianças que por ventura saiam do espaço escolar para brincar nos arredores. A escola apresenta pouco espaço para o desenvolvimento de atividades recreativas, o que dificulta o trabalho do professor, que muitas vezes mantém as crianças dentro de sala de aula mesmo nos momentos destinados à recreação.

A valorização da educação dos filhos é considerada um elemento importante para a qualidade de vida das famílias do PA Santa Verônica. Antes do assentamento os agricultores já faziam o possível para que seus filhos frequentassem a escola, no entanto, a vida “sem recursos” que esses agricultores possuíam era um fator agravante no planejamento do futuro dos jovens. A incerteza quanto ao futuro dos filhos resultava em algumas hipóteses: os meninos quando completassem a maioridade viajariam para outras cidades com o objetivo de



trabalhar, ajudar os pais e construir a própria vida longe da unidade familiar. As meninas, por sua vez, quando não se casassem cedo, se ocupariam em atividades ligadas ao trabalho doméstico.

Por outro lado, a vida no assentamento proporcionou a essas famílias de agricultores certos recursos que permitem planejar um futuro diferente. Pensar em um futuro melhor para os filhos com base no acesso a escolarização torna-se tão mais importante quanto pensar e planejar a própria vida. Para os assentados, estimular o estudo dos filhos é sinônimo de investir na construção de um futuro que poderá trazer um bom emprego e uma realidade diferente daquela vivenciada por eles, como podemos ver a seguir:

Se a gente não estudar não arruma nada porque tantos aí que não estudam, acham que vão arrumar alguma coisa, não arruma nunca nada, fica sofrendo aí pra o resto da vida e eu não quero o futuro dos meus filhos pra isso, eu quero o futuro dos meus filhos pra uma coisa boa um dia, pra eles dizerem assim “A minha mãe criou eu, a gente é pobre, mas minha mãe criou eu, deu ao menos estudo a mim, e hoje eu sou uma pessoa por causa dela”. [...] Digo “Estudem, que através de estudo um dia Deus dá um emprego né, vem uma coisa aí boa no futuro”. (Assentada 13)

A expressão verbalizada pela assentada “Minha mãe [...] deu ao menos estudo a mim”, pode revelar dois aspectos interessantes: o primeiro é que embora nem sempre os pais possam dar aos filhos os recursos materiais que eles desejam, se puderem dar ao menos o direito de estudar, priorizarão este tipo de investimento. O segundo aspecto é que muitos desses assentados foram privados desse direito de estudar, pois seus pais diziam que a escola não “dava de comer” a ninguém: “Meu pai também foi um bom pai, mas nesse tempo assim de estudos meu pai dizia que o estudo não trazia nada pra gente não. Quem trazia era o cabo da enxada” (Assentada 12). Desta forma a educação é um aspecto fortemente valorizado pelas famílias, considerando que os adultos, pais e mães, não tiveram acesso a esse recurso, ou quando tiveram foi de maneira precária e insuficiente.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Só o que eu desejo na minha vida é ver esses meninos crescendo e ter saúde, só isso. Não quero mais riqueza... A melhor que tem no mundo é a saúde da pessoa. Eu quero ver... Eu já tô ficando velha já, eu, num quero mais nada não, já aprendi das coisas da vida já né? Já aprendi muitas coisas da vida já, agora espero que eles aprendam pra ser alguém na vida, eles quatro né? Eu incentivo muito eles que estudem pra ser alguém na vida, porque hoje só tem alguma coisa na vida se tiver estudo, se não tiver pronto, vai sofrer no cabo da enxada. (Assentada 15)

Percebe-se claramente a associação que os assentados fazem entre não ter estudo e “terminar na agricultura”, isso não significa dizer que rejeitem a profissão de agricultor para seus filhos, mas para estes informantes se os jovens não estudarem e conseqüentemente se integrarem em profissões consideradas de sucesso, irão reproduzir o mesmo ciclo de privações que a vida de agricultor pode oferecer.

Os assentados afirmam que ao contrário do que vivenciaram em suas épocas de infância, atualmente existem escolas disponíveis, existem professores em maior número, existem transportes para levar os estudantes, e diante dessa situação só “não estuda quem não quer”.

Que hoje em dia tem muito estudo pra todo mundo né, antigamente não tinha estudo né. Aí todo mundo sabe disso né. Eu mesmo estudei no tempo da cartilha né, não tinha a cartilha? Do abc? Só estudei meia cartilha só porque não tinha nem professor, não tinha né, ficava tudo difícil pra gente. Hoje em dia o cara saiu de casa e já tem colégio em todo canto né. Hoje é bom pra todo mundo né. [...] mas naquele tempo não tinha colégio pra estudar que ficava mais de duas léguas de pé né, não tinha condições não. Hoje em dia não estuda quem não quer né, tem ônibus na porta né. (Assentado 04)

Hoje, a vista desse tempo era mais sofrido, hoje todo mundo vive, pra vista, vive mais... Vive numa boa pra vista de tempo atrás. Tempo atrás era sofrimento. Escola, a gente não tinha nem direito de estudar, porque a gente chegava de noite, não estudava. Era só trabalho mesmo. Hoje o cabra não aprende a ler se não quiser né? Mas hoje tem tudo nas mãos pro cabra aprender. (Assentado 08)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para os assentados, atualmente se “vive numa boa pra vista de tempo atrás” porque no passado eles não tinham “nem o direito de estudar”. De fato, a vida melhorou e agora seus filhos dispõem de recursos que facilitam o acesso à educação escolar ampliando as possibilidades de construção de um futuro diferente. Porém essa realidade ainda não permite afirmar que os serviços oferecidos a essas famílias sejam de boa qualidade.

Como visto anteriormente, o assentamento possui uma escola que oferece as séries iniciais do ensino fundamental em regime multisseriado. No entanto, para os assentados a qualidade do ensino que é oferecido deixa muito a desejar: “A educação aqui você sabe que é péssima, você já foi educadora daqui, você já sabe como é a educação daqui né? Educação péssima. É zero a educação daqui!” (Assentada 15). De fato, a educação oferecida no assentamento, pelas características que possui, tende a se apresentar claramente insuficiente, considerando que é extremamente complicado para o único professor existente em sala de aula trabalhar com crianças que possuem idades e níveis de aprendizagem diferentes. Vale salientar que esta é uma realidade que abarca a maioria das escolas da zona rural do país.

Além da educação escolar, o futuro dos filhos dos assentados é planejado também com base em princípios e valores éticos e morais:

Se a gente não educar os filhos da gente pra coisas boas, as consequências vêm depois pra pessoa né. Quando a gente se arrepender é tarde né. Hoje em dia a gente só vê aí o mundo das drogas né, de coisa feia aí, uns rapazes todos novinhos e um bocado aí tudo perdido né. Não quer estudar, não quer trabalhar, vai pegando o que é alheio, dos outros, depois vai preso, vai sofrer e a mãe não vai poder fazer nada né. E eu fico só dizendo pra eles. (Assentada 13)

Essa narrativa revela um princípio fundamental na compreensão do que é qualidade de vida para os assentados do PA Santa Verônica. Ao analisar o pensamento aristotélico Gomes (2005) afirma que tanto os indivíduos que possuem o saber científico como aqueles que possuem sabedoria prática, são detentores da capacidade de decidir o que é bom para si, pensando, sobretudo em valores que são subjetivamente bons para sua vida. Desta forma não é apenas a sobrevivência material que permeia o pensamento e a preocupação dos assentados,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mas é principalmente a garantia de valores morais que eles possam transmitir para os filhos. A qualidade de vida, deste modo, se articula com o desejo de ver os filhos sendo educados “pra coisas boas” e longe da prática de pegar “o que é alheio, dos outros”.

As entrevistas revelaram que o acesso à educação escolar não é desejado e priorizado apenas para as crianças e os jovens, pois encontramos também determinados assentados, sobretudo mães de família, que atualmente conquistaram a oportunidade de estudar e a este fato atribuem enorme relevância, como percebemos a seguir:

[...] a experiência que marcou [a vida] foi uma “pisa” que meu pai me deu muito grande, que eu fui estudar e ele não deixou estudar. Eu saí escondida e fui pra escola. Ele bateu muito em mim, parei de estudar! Depois da “pisa” eu não estudei mais não. [...] Eu tinha onze anos. Aí depois de... Agora, agora eu com sessenta e sete anos é que eu estou estudando... (Assentada 03)

Nós nunca tivemos chance de estudar, nem fora meu pai não deixava a gente estudar. Passasse da quarta série não ia estudar fora. Pronto, ali não saía pra cidade. Estudar não deixava não porque era naquele tempo que os pais não deixavam. Os filhos obedeciam muito aos pais, só faziam o que os pais queriam, era desse jeito, até hoje eu obedeco ele, até hoje eu nunca “respondi” meu pai. Aí foi muito privada né, um tempo muito privada. Hoje em dia que a gente cria os filhos da gente é muito diferente. Aí depois que eu casei eu me senti mais liberta, em consideração que a gente sabe do que é certo, sabe do que é errado né. E conquistei, depois de casada mesmo já conquistei... Estou estudando, fazendo a sétima série, eu só tinha até a quarta série. Com quinze anos eu fiz a quarta série e parei, não estudei mais. (Assentada 12)

A continuidade dos estudos era um desafio para aqueles que haviam iniciado a vida escolar, pois concluída a quarta série o acesso aos níveis seguintes tornava-se inviável, tanto pelas características do próprio sistema de organização e oferta de ensino, como também pela própria maneira dos pais criarem seus filhos, especialmente as mulheres, que geralmente não possuíam tanta liberdade.

Os dois relatos apresentam mudanças nas condições vividas pelos assentados, que falam sobre um passado marcado por várias formas de repressão, tanto as legitimadas no discurso da autoridade dos pais, como as repressões mais severas como as agressões físicas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Encontramos na primeira entrevista o caso da assentada que teve seu desejo de estudar reprimido pelas agressões do pai. Para esta assentada, estudar nos dias de hoje, aos sessenta e sete anos de idade, representa a concretização de um sonho não realizado na infância. É um projeto de realização pessoal, que envolve a oportunidade de aprender a ler e escrever o próprio nome para que desta forma não seja mais classificada como analfabeta. O que possibilita o reingresso desta assentada na sala de aula é a existência do programa Brasil Alfabetizado.

Outros assentados, inclusive mulheres, estudam na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). São homens e mulheres que cotidianamente conciliam as atividades agrícolas e domésticas realizadas durante o dia com o deslocamento até a escola (em Damião ou Logradouro), realizado no período da noite.

Considerações finais

Com esta pesquisa pudemos compreender que a educação é considerada um dos elementos fundamentais para a realização da qualidade de vida das famílias do PA Santa Verônica. Empiricamente foi possível observar que as pessoas se consideram satisfeitas com a vida que levam no assentamento, no entanto, elas próprias reconhecem que muitas outras liberdades ainda precisam ser conquistadas.

Acreditamos que esta pesquisa foi importante porque, pelo caráter qualitativo e pelos recursos metodológicos utilizados, contribuiu para dar visibilidade a fatos e processos narrados por quem particularmente vivencia os embates de uma política pública. Ao ouvir relatos de pessoas que confiaram falar a respeito de histórias e sentimentos intensamente particulares, muitas vezes acompanhados por momentos de emoção e lágrimas, surgiram algumas indagações: por que as famílias da zona rural ainda permanecem marginalizadas diante das propostas para o desenvolvimento? Por que o rural ainda é visto como o lugar do atraso se neste espaço é possível viver com dignidade? De acordo com Gomes e Miranda (2013) nas últimas décadas muito se tem feito para superar a pobreza rural, especialmente no Nordeste, porém as estratégias ainda são realizadas de modo desarticulado. A oferta de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

educação, por sua vez, é mais um elemento que ainda necessita de maior atenção e planejamento para atender à demanda das famílias que a consideram um investimento essencial para superar as situações de exclusão social.

Referências

BUARQUE, Cristóvão. Qualidade de Vida: a modernização da utopia. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. São Paulo, n. 31 (93): 158-165, 1993.

GOMES, Ramonildes Alves. Representações sociais e culturais da qualidade de vida entre famílias de agricultores. **Rafzes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**. Campina Grande, n.2, p.261-272, 2002.

GOMES, Ramonildes Alves. **A qualidade de vida das famílias no perímetro irrigado de São Gonçalo: ética e racionalidade**. Recife: Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/CFCH). 2005.

GOMES, Ramonildes Alves; MIRANDA, Roberto de Sousa. Dinâmicas agrícolas, estratégias econômicas e pobreza rural no Nordeste do Brasil: especificidades regionais nos casos da cana-de-açúcar, da fruticultura irrigada e da soja. In: MIRANDA, Carlos; TIBURCIO, Breno. (orgs.) **A nova cara da pobreza rural: desenvolvimento e a questão regional**. Brasília: IICA, 2013.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SEN, Amartya. O desenvolvimento como expansão de capacidades. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. São Paulo, n.28-29, 1993.

SEN, Amartya. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.